

FÓRUM ECONÔMICO

Primeiro Fórum Econômico do RS teve auditório cheio no Instituto Caldeira

Porto Alegre sediou, no dia 24 de outubro, a primeira edição do Fórum Econômico, evento que reuniu líderes do mercado financeiro gaúcho. A atividade, no Instituto Caldeira, foi gratuita.

Pedro De Cesaro, sócio-fundador da Propósito, boutique financeira gaúcha que organizou o fórum, diz que o objetivo era destacar a qualidade dos profissionais do setor. O evento foi dividido em cinco painéis, nos quais foram abordadas questões econômicas e investimentos.

Entre os temas, estiveram assuntos macroeconômicos, aplicações em special situations (ativos alternativos), investimentos em renda variável e um framework do

setor financeiro gaúcho.

Os 15 palestrantes foram divididos da seguinte forma: Fábio Rech (Quarter), Guilherme Previdi (Griffin), Rafael Flores Nunes (Harbour) e Leandro Nunes (L'Arca Capital) no painel Special Situations; Rogério Braga (Quantitas) e Carlos Chaves (Seival) no painel Multi-mercados; Valter Bianchi (Fundamenta), Frederico Vontobel (Vokin) e Rafael Weber (RJI) no painel Renda Variável; Alexandre Englert Barbosa (Sicredi), César Saut (Icatu) e Haroldo Stumpf (Banco Topázio) no painel Instituições Gaúchas; e Aod Cunha, Igor Morais (Vokin) e André Nunes de Nunes (Sicredi) no painel Economia.

“Essa é a primeira edição do



EVANDRO OLIVEIRA

Durante o evento, o vice-prefeito de Porto Alegre, Ricardo Gomes, anunciou redução do ISS às financeiras

evento e temos orgulho em estarmos iniciando esse movimento de fortalecimento do mercado financeiro gaúcho, dada a relevância que nossas instituições possuem”, destaca De Cesaro.

O evento foi proporcionado pela Propósito e pelo **Jornal do Comércio**, com apoio do IBEF-RS e Fundação A.J. Renner, com patrocínio oficial da Vokin Investimentos

e RJI Investimentos.

Durante a atividade, o vice-prefeito de Porto Alegre, Ricardo Gomes, anunciou que o Executivo municipal enviará projeto para a Câmara de Vereadores para baixar, gradativamente, o ISS (Imposto Sobre Serviços) de empresas do setor financeiro da Capital. Atualmente em 5%, a alíquota para esse segmento cairia,

inicialmente, para 3,5% e chegaria a 2% ainda no próximo ano.

“Queremos tornar Porto Alegre, cada vez mais, um destino atrativo para empresas do setor financeiro. Estamos falando de um mercado de pessoas altamente qualificadas e de uma área que opera como um farol do desenvolvimento da economia”, disse Gomes.

Extinção da Bolsa de Valores de Porto Alegre completa duas décadas

Mauro Belo Schneider

mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

Com a popularização de aplicativos de investimento, ações na Bolsa de Valores têm se tornado um assunto mais acessível aos brasileiros. Por isso, grande parte do público conhece a B3, de São Paulo. O que muitos não sabem (ou não lembram) é que Porto Alegre também teve sua própria bolsa, extinta há 20 anos.

Na época do fechamento, o jornal Folha de S.Paulo informou, em outubro de 2002, que a BVES (Bolsa de Valores do Extremo Sul) seria extinta em seis meses. Ainda conforme a publicação, a decisão de dissolver a BVES foi tomada, sem unanimidade, em assembleia dos 12 conselheiros. Três corretoras teriam votado contra: Banrisul, Solidus e Geral. O patrimônio da bolsa gaúcha, estimado em R\$ 250 mil, seria distribuído entre os 12 sócios.

Na abertura do Fórum Econômico, realizado no Instituto Caldeira, no dia 24 de outubro, Pedro De



SUAMY BEYDOUN / AGIF/FOLHAPRESS/IC

Havia outras bolsas regionais pelo Brasil, mas elas fecharam ou foram englobadas pela B3, de São Paulo

Cesaro, sócio-fundador da Propósito, lembrou da entidade. A data do fórum, inclusive, foi definida em alusão à criação da Bolsa de Valores de Porto Alegre, fundada

em outubro de 1890.

Segundo o professor associado de macroeconomia e finanças do Departamento de Economia e Relações Internacionais da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufgrs), Nelson Seixas dos Santos, as bolsas de valores regionais existiam em um tempo em que a tecnologia de negociação

não permitia que ativos financeiros pudessem ser negociados em nível nacional e global.

“Então, nesse sentido, o papel de toda bolsa regional e, em particular da Bolsa do RS, era prover um ambiente de negociação de ativos acessível aos investidores de cada região do País”, lembra.

Havia outras bolsas regionais pelo Brasil, mas, conforme Santos, elas fecharam ou foram englobadas pela B3. “Sendo a maior bolsa do Brasil em termos de valores negociados, era natural que os investidores de todo o País buscassem poder contar com as oportunidades que só ela poderia oferecer.”

Santos não acredita na volta da bolsa. “Com a tecnologia de telecomunicações atual, não vejo sentido de bolsas regionais de amplo espectro. Mesmo a B3 luta para sobreviver ao alcance da Bolsa de Nova York e só não se desfaz porque nem todos os investidores nacionais tem condições de atuar em uma bolsa internacional em um arcabouço jurídico totalmente diferente do nosso”, avalia.